

SINCRETISMO CULTURAL E ANACRONISMO ESCOLAR: O COTIDIANO DE ALUNOS E PROFESSORES FRENTE AS TMDICS

PETARNELLA, Leandro* – UNISO – leandro.petarnella@aes.edu.br

GT-16: Educação e Comunicação

Introdução

A sociedade contemporânea vive significativas mudanças. No Brasil, a partir do dia 03 de abril de 1950, com a pré-estréia da televisão, ocorrida no saguão dos Diários Associados, em São Paulo, surgiu a indústria cultural televisiva e um império que, através das Tecnologias Midiáticas, passaria a influenciar o comportamento social. Após trinta anos de existência no Brasil, em 1980, a TV estava disponível em mais de 18 milhões de lares sendo, como veículo de comunicação, responsável pela informação de 69% da população que era estimada, segundo o censo do IBGE de 1980, em 119 milhões de pessoas. Porém, foi em 1989 que surgiu, no Brasil, um meio de comunicação que transformaria a forma com as quais as pessoas se relacionavam com as Tecnologias Midiáticas: a Internet. Utilizando-se de Tecnologia Digital de Informação e Comunicação, a Internet se transforma em um veículo informacional que em poucos anos atingiria índices de crescimento muito superiores aos que a TV atingiu. Em apenas 10 anos de existência, em 1999, a Internet já estava inserida, de acordo com pesquisas realizadas pelo Ibope, no cotidiano de 2,5 milhões de pessoas. Em 02 anos, ou seja, em 2001 o número triplicou e o crescimento, em exponencial, continua até o presente momento. Em 2007, segundo informações disponibilizadas pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, 99,81% das empresas no país possuíam, pelo menos, um computador com acesso à Internet e nas residências, conforme pesquisa realizada pelo mesmo órgão, em junho do mesmo ano o acesso à Internet ultrapassava a marca de 18 milhões.

Um levantamento estatístico, realizado pelo Ibope em 2007, informa que crianças na faixa dos 02 aos 11 anos passam, em média, 15 horas e 25 minutos de seu tempo mensal conectados à Internet, sendo os principais motivos para o acesso das crianças e dos adolescentes a alimentação de sua rede pessoal virtual de “informações”, que se dá através das conversas nos *chats*, da leitura de *e-mails*, do ouvir música ou brincar de boneca no ambiente virtual, mostrando como as crianças e os adolescentes convivem com uma vida virtual. É diante deste cenário que busco, utilizando a técnica

dos paradigmas indiciários (GINZBURG, 1992), indícios que auxiliem no desvendamento dos relacionamentos que as pessoas constituem com as Tecnologias Midiáticas e Digitais de Informação e Comunicação, a partir deste ponto TMDICs. A ambivalência a as contradições que se instalam nessas relações, lugar onde as TMDICs se fazem como vetores ativos; questões sobre a transição social na qual estamos imersos; qual tipo de sociedade está se formando diante da mutação social e, principalmente, como a escola, através dos professores e alunos, se relaciona com as TMDICs, compõem o universo do pensar neste trabalho.

A Metamorfose Cultural

No rastro de sinais que apontassem para uma possível definição sobre a forma, ou modelo, de sociedade na qual vivemos, constatei que, como define Máximo Cannevacchi (1997), a sociedade passa por um processo de sincretismo cultural. Para esse autor, o sincretismo (relacionado aos *Cretenses*, um povo que vivia brigando entre si, mas se unia contra o inimigo) é um conceito que vai da “política à religião”. É um conceito que marca a ambivalência, as contradições sociais, o fim das certezas modernas. Como consequência pode “fixar o incompatível” e delinear a perpétua mutação social. É através do sincretismo que se desencadeia o “processo em que este incompatível transfigura-se em algo que aceito em meu âmago e deve ser dolorosamente doce” (p. 23).

Utilizo o conceito de sincretismo para definir a cultura. Refiro-me a cultura como um *logus* sincrético, que ultrapassa a fragmentação provocando uma constante metamorfose pela qual a sociedade passa. Trato a cultura como sincrética porque na contemporaneidade ela “transtorna e arrasta os modos tradicionais de produção da própria cultura do consumo e da comunicação” (CANNEVACCI, p. 1997, p. 13).

O conceito de sincretismo recobre os *Tempos Líquidos* que vivemos como relata Zingmunt Bauman (2007): “A sociedade é cada vez mais vista e tratada como uma rede em vez de estrutura. [...] ela é percebida e encarada como uma matriz de conexões e desconexões aleatórias e de um volume essencialmente infinito de permutações possíveis” (p. 9). Recobre também as *Espumas* em Peter Sloterdijk (2007) que são, ao mesmo tempo, mais leves e mais complexas do que o líquido:

* Academia de Ensino Superior - Sorocaba/SP.

Diferentemente da noção de corporeidade do uno ou da massa atômica, a espuma é multifocal, polimorfa e heterarquicamente material. É parte de uma concepção não meta-física e não holística de formas de vida e não pode mais ser pensada na simplificação ontológica da esfera todo. São entornos invisíveis e frágeis, no interior de entornos maiores, que agem de uma forma simultânea, ligado uns aos outros, que produzem seu espaço no que é e que é nela, manifestando a *res publica* dos espaços. [...] Coberto com tecidos de espaços vazios que, no mínimo toque se reconstrói. Contém ar, líquido e sólido em consistências descontínuadas e extinguíveis. (BAIRON, apud SANTAELLA, 2007, p. 19).

A cultura sincrética é formada pela união das contradições. Surge no âmago dos conflitos e já não é mais dotada da certeza que vem da cultura européia, branca, ariana e dominante. A cultura é um sincretismo mundial, dada a hibridização de suas formas no convívio da solidez moderna e das condições sociais da atualidade, líquida, espumante, ambivalente. A cultura ocorre uma espécie de “bricolagem”, fazendo aqui presente Claude Lévy-Strauss (1976), em suas diversas manifestações ao interligar-se em uma rede rizomática, em uma outra cultura que é ao mesmo tempo una e múltipla.

Dado o sincretismo, as metamorfoses culturais não são lineares. Por conseqüência, seu processo histórico não pode ser constituído por uma linha temporal visto as tecnologias desenvolvidas pelo homem serem utilizadas, aperfeiçoadas, renovadas, mas continuarem presentes no desenrolar do movimento histórico. Desta forma, sobrevivem, em um mesmo período, ou em um mesmo espaço, simultaneamente. Logo, o surgimento de uma tecnologia não significa a extinção das anteriores, ao contrário, revela a capacidade humana de transitar entre diferentes momentos e/ou condições que não significam, necessariamente, uma evolução, mas sim uma complexificação do homem dentro de seu movimento de mutação.

Para melhor explicitar a convivência das diversas tecnologias em um mesmo período e suas sobreposições, constituindo-se em uma malha não linear, recorro aos estudos de Octavio Ianni (1998), autor que destaca, dentro da história da humanidade,

três períodos, conjunto que denomina de “amadurecimento cultural”, para desenrolar as alterações nos modelos político/sociais pelos quais passou a sociedade desde o período medieval até a atualidade. No primeiro período, o Principado de Maquiavel dominava; no segundo, a época era dominada pelo Principado de Gramsci; e no terceiro, o atual, o período de domínio está nas mãos do Principado Eletrônico.

Para Ianni (1998), no período medieval, o homem ficava sob o domínio de um príncipe que, como detentor de toda virtude, era o indivíduo “capaz de articular inteligentemente as suas qualidades de atuação e liderança (virtù) e as condições sócio-políticas (fortuna) nas quais devia atuar” (p.2). No seguir, a sociedade se constitui como um sistema de organização econômica, ganhando complexidade em sua organização, fazendo com que o poder soberano ceda lugar a organismos que tinham por finalidade exercer a disciplina e o poder social. É o nascimento do principado de Gramsci, lugar onde o poder, que até então estava estabelecido nas mãos de um sujeito detentor da virtude e da fortuna, passa a ser de domínio de um grupo ou de uma organização. Responsável pelo período moderno, o Príncipe de Gramsci:

[...] já não é uma pessoa, figura política, líder ou condottiero, visto como personificação, síntese e galvanização da Política, mas uma organização. É o partido político, no qual se combinam e fertilizam-se as capacidades de uns e outros, líderes e seguidores, de tal modo que a interpretação e atividade inteligentes, diante do jogo das forças sócio-políticas, cabem a ele. Enquanto moderno príncipe, já que se cria no âmbito da sociedade de classes, burguesa, capitalista, o partido político pode realizar a metamorfose essencial das inquietações e reivindicações sociais, em sentido amplo, em política, enquanto programa de organização, atuação, conquista do poder e preservação deste. (IANNI, 1998, p. 4).

Se no período medieval o Principado almejava a soberania, no Principado de Gramsci a soberania é substituída pela hegemonia, porque o objetivo principal do Príncipe de Gramsci é a vida coletiva. No decorrer do processo, nova transição cultural se avizinha, visto o principado de Gramsci não dar conta de novas formas de convívio

social. Hoje, diante do abrolhamento das redes informacionais, ampliam-se barreiras no espaço e no tempo. É o aparecimento do Príncipe Eletrônico, ditando padrões culturais e econômicos na sociedade hodierna. Este é, segundo Ianni (1998, p. 5):

Uma entidade nebulosa e ativa, presente e invisível, predominante e ubíqua, permeando continuamente todos os níveis da sociedade, em âmbito local, nacional, regional e mundial. É o intelectual coletivo e orgânico das estruturas e blocos de poder presentes, predominantes e atuantes em escala nacional, regional e mundial, sempre em conformidade com os diferentes contextos sócio-culturais e político-econômicos desenhados no novo mapa do mundo.

Frente às complexidades e ao sincretismo das configurações sociais historicamente criadas, três culturas existem em sua forma original, fato que gera contradições entre as manifestações culturais atuais e suas antecessoras. Busquei, então, nos trabalhos de Lucia Santaella (2004) o recorte temporal para constituir este trabalho. Ao dividir em seis grandes eras civilizatórias a evolução humana, partindo da comunicação oral, como primeira era, seguida da comunicação escrita enquanto segunda era, passando pela terceira enquanto a era da comunicação impressa, pela quarta a era da comunicação de massa, posteriormente pela quinta, a era da comunicação midiática e, por último, a sexta como a era da comunicação digital, a autora relata que a evolução civilizatória se constitui através de sobreposições de fatos e situações que, não sendo excludentes, se sobrepõe amalgamando, com isso, a base da contínua evolução. A autora ainda alerta para o fato de que:

Processos comunicativos não são epifenômenos sociais. Ao contrário, a introdução de novos meios de comunicação conforma novos ambientes culturais, sendo capaz de alterar as interações sociais e a estrutura social em geral. Isso assim se dá porque os meios de comunicação são inseparáveis do nível de desenvolvimento das forças produtivas de uma dada

sociedade, de modo que eles são inextricavelmente atados ao modo de produção econômico-político-social. (SANTAELLA, 2005, p. 10)

Com isso, busco nas duas últimas eras civilizatórias caracterizadas pela autora, a era midiática e a era digital, indícios capazes de delinear os agentes da metamorfose cultural atual, o período de domínio do Príncipe Eletrônico (IANNI, 1998). É importante (re)lembrar que, no processo de mutação cultural as eras, ou períodos de amadurecimento, não se excluem, ao contrário, “elas vão se sobrepondo e se misturando na constituição de uma malha cultural cada vez mais complexa e densa” (SANTAELLA, 2004, p. 9).

Paula Sibilia (2002), também constata o surgimento de uma nova ordem social e sua respectiva tensão com as anteriormente criadas, ao utilizar-se de dois personagens míticos – Prometeu e Fausto – para revelar a transição do período dominado pelo Príncipe de Gramsci para o período sob o domínio do Príncipe Eletrônico, momento em que se constata o surgimento das TMDICs. A autora descreve em seus trabalhos que a civilização de origem *Prometeica* passa, na atualidade, por uma tensão com a configuração *Fáustica* da sociedade. Diante do personagem de Prometeu, Sibilia (2002), exemplifica a tecnologia como criação e, por conseqüência, extensão humana. Para a autora, “tal mito denuncia a arrogância da humanidade, em sua tentativa de usurpar as prerrogativas divinas por meios de artimanhas e saberes terrenos” (p. 43). Antecedendo a era midiática, as tecnologias davam suporte aos afazeres do homem e apesar das mesmas interferirem de maneira objetiva em suas vidas, eram dominadas pelo homem, haja visto que “na tradição Prometeica pretende-se dominar tecnicamente a natureza, visando o bem humano, a emancipação da espécie e, fundamentalmente das classes oprimidas”. (SIBILIA, 2002, p.44).

Utilizando-se desse personagem, a autora informa como o espírito iluminista prima pela fé na racionalidade, pela perfeição da ciência como conhecimento cartesiano e confia em que a ciência está a serviço da melhora das condições de vida dos seres humanos. Entretanto, estando a humanidade agora em um período de transição, que é marcado pela aceleração do avanço tecnológico e sem uma determinação certa de como e para onde este avanço irá nos levar, Sibilia (2002), através de um personagem da mitologia alemã, Fausto, descreve a forma desenfreada na qual a tecnologia promove alterações na sociedade contemporânea. De acordo com a autora, é o tipo de saber

Fáustico, onde “a tecnociência contemporânea almeja ultrapassar todas as limitações biológicas ligadas a materialidade do corpo humano” (p. 49), que responde pelo hoje, e onde a “tecnologia é colocada a serviço da reconfiguração do que é vivo e em luta contra o envelhecimento e a morte” (id). Como pressuposto para suas afirmações, a autora recorre à criação da biotecnologia, aos avanços das indústrias de próteses e a fusão do corpo humano aos aparelhos e equipamentos criados por estas indústrias. Combinando o orgânico e inorgânico, faz do homem um sujeito não natural em sua plenitude como, também, não inteiramente artificial. Assim, Sibilia afirma que, através das atuais tecnologias, caminhamos para o fim da morte. Isto porque:

As tecnologias da imortalidade estão na mira de várias pesquisas atuais, de inteligência artificial à engenharia genética, passando pela criogenia e por toda farmacopéia antioxidante. Estaria então a própria morte ameaçada de morte? Tomando emprestada a retórica de seus detradores, ela estaria ficando obsoleta. (2002, p. 50).

Desta forma, as máquinas que, até então, estavam sob o domínio do homem, sendo consideradas como extensões humanas na sociedade Prometeica, passam a dominá-lo. O ápice desta constatação, segundo Sibilia (2002) se deu na decodificação do genoma humano e na apuração de que a síntese do homem pode ser convertida em pulsos eletrônicos. É preciso salientar que, conforme também essa autora, a criação de uma cultura não leva as anteriores ao desaparecimento o que as faz, inclusive, coexistirem simultaneamente em um mesmo espaço/tempo. Portanto:

A alusão aos referidos mitos pretende nomear duas tendências identificáveis na base epistemológica da tecnociência de diversas épocas, porém elas não se constituem necessariamente um par de oposições dicotômicas. Pelo contrário, trata-se de duas linhas em perpétua tensão. Ambas as inclinações podem conviver em um mesmo período histórico e, inclusive, nos textos de um determinado autor. (SIBILIA, 2002, p. 44).

Retomando o pensar de Sibilia (2002), até a modernidade os sujeitos eram controladores das máquinas fazendo das mesmas sua extensão. A transição da sociedade *Prometeica* para a Sociedade *Fáustica* promoveu uma inversão nas características sociais, colocando o homem sob domínio tecnológico, buscando mesmo através das “tecnologias da imortalidade”, o domínio da natureza e a vida eterna. A autora, ao trabalhar as questões relativas à formação das subjetividades e da organicidade do homem, revela que são as tecnologias as responsáveis pela inserção do sufixo *pós* nas atividades e na natureza humana fazendo do corpo biológico um empecilho para o alcance de um dos mais antigos sonhos do homem: a imortalidade.

É em oposição à tradição prometeica, que pensa a tecnologia como a possibilidade de estender e potencializar gradativamente as capacidades do corpo (sem aspirar ao infinito, guardando certo respeito pelo que é humanamente possível e pelo que ainda pertence ao território divino), a corrente fáustica enxerga na tecnociência a possibilidade de transcender a condição humana. [...] Adequadamente definido como "fáustico", tal projeto é extremamente ambicioso: valendo-se dos sortilégios digitais, ele contempla a abolição das distâncias geográficas, das doenças, do envelhecimento e da própria morte. (SIBILIA, 2002, p. 13)

Sistematizando os sinais levantados pelos dizeres de Ianni (1998), Santaella (2004, 2007) e Sibilia (2002), posso amarrar os fios num tecido orgânico: o saber *Fáustico*, ao qual Sibilia (2002) se refere, está sob o domínio do Príncipe Eletrônico, conceituado por Ianni (1998), cujo governo iniciou-se com o surgimento do cinema e com a expansão dos centros urbanos. É dado ao Príncipe Eletrônico, através de sua nuvem tecnológica, a principal capacidade de metamorfosear o pensamento moderno, de saber *Prometeico*, transformando-o em um saber pautado pelas TMDICs, responsáveis pela quinta e sexta eras civilizatória de Santaella (2004) respectivamente, tornando-as protagonistas da sociedade na contemporaneidade.

Percebendo a cultura contemporânea como sincrética, e a forte influência que as TMDICs têm sobre esta, conduzi, então, a investigação para a escola, local onde os

sujeitos recebem sua educação formal. Se estes são dependentes de um saber *Fáustico*, descobrir como se relacionam os *saberes Prometeicos* e os *saberes Fáusticos*, de alunos e professores na escola, tornou-se a questão crucial. Para tanto, fui à campo, na cidade de Sorocaba/SP, em busca de sinais que pudessem desvelar essa questão. Os procedimentos e a metodologia da pesquisa é o que segue.

Os sujeitos, procedimentos e metodologias da pesquisa.

A hipótese levantada é a de que, o cotidiano escolar não considera as TMDICs no processo de educação formal. Para a confirmação, ou não, da hipótese, parti de dois pontos distintos, porém complementares e convergentes: professores e alunos.

Reuni um grupo com 12 professores de escolas públicas e particulares, alunos do Programa de Mestrado da Universidade de Sorocaba, que lecionam em todos os níveis seriais com o objetivo de constatar qual visão esses professores, neste momento representantes do quadro docente sorocabano, têm diante de uma sociedade influenciada pelas TMDICs e sobre seus alunos, sujeitos que nasceram e vivem sob o signo de velozes transformações. A investigação, de caráter exploratório, realizou-se através do denominado Grupo Focal, como técnica de coleta de dados, em associação a um questionário, que teve por objetivo balizar os resultados alcançados com o referido grupo. Bernadete Gatti (2005, p. 11) explicita com clareza as características do trabalho com o Grupo Focal:

O trabalho com grupo focal permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se em uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços comum, relevantes para o estudo do problema visado.

Esta técnica, onde um grupo constituído por “um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal” (POWEL e SINGLE, 1996, p. 449) tem relevância porque permite “compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes” (GATTI, 2005, p.11).

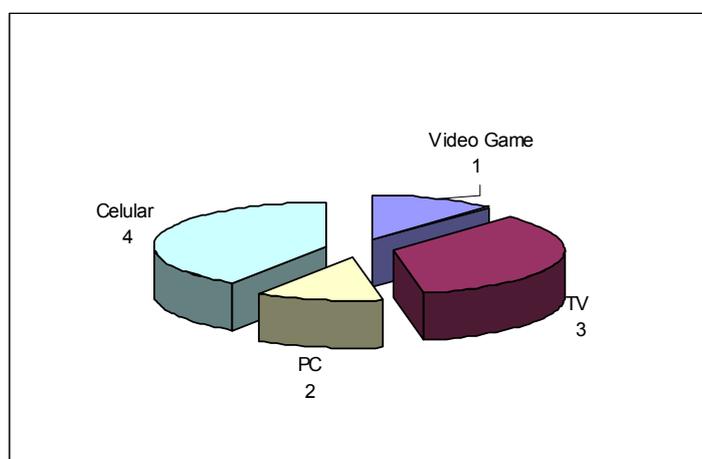
Meu Grupo Focal, base da pesquisa, foi constituído por professores do ensino infantil, do ensino fundamental, do ensino médio e do ensino superior de escolas públicas e privadas de Sorocaba. A escolha foi efetuada considerando a homogeneidade do grupo, no que se refere à profissão e a abrangência dos níveis de trabalho dos participantes. A expectativa era a de obter uma visão da área educacional, que pudesse demonstrar sinais e/ou indícios que explicariam as maneiras e/ou os meios em que ocorrem os fenômenos investigados. As discussões foram gravadas em áudio, para posterior transcrição. Sem fornecer informações detalhadas aos participantes propus, ao grupo, uma questão genérica: Como vocês “enxergam” a sociedade atual? À medida que os diálogos criaram consistência, tomando corpo e fluência, conduzi os participantes ao tema principal. É importante salientar que na utilização, para a pesquisa, da técnica grupo focal, como técnica exploratória, “o foco do assunto em pauta deve ser mantido, porém criando-se um clima aberto às discussões” (GATTI, 2005, p.12).

Em um segundo momento apliquei, seguindo uma abordagem quantitativa e qualitativa, um questionário a 75 alunos distribuídos em três escolas da região, estando duas localizadas em Sorocaba e uma em Salto de Pirapora. Como uma técnica de entrevista estruturada, as perguntas foram previamente formuladas oferecendo opções de respostas aos participantes. Para garantir maior liberdade de resposta, o questionário foi aplicado por professores que, possuíam ligação e familiaridade com os entrevistados, isto porque, a aplicação do questionário se deu dentro das salas de aula no horário da disciplina ministrada pelo professor responsável. O anonimato dos participantes também foi mantido evitando, desta forma, o estranhamento e a inibição dos adolescentes, que neste segundo momento estão sendo os sujeitos da pesquisa.

Como os alunos entrevistados nasceram sob a dominação *Fáustica* (SIBILIA, 2002), onde impera o Príncipe Eletrônico (IANNI, 1998), hipoteticamente internalizariam as TMDICs sem mesmo se dar conta disto. Foi a análise das respostas fornecidas, através dos questionários aplicados aos alunos, que o primeiro indício se

revelou: Os alunos relacionam-se, a maior parte do tempo com as TMDICs, indiferentemente de sua condição socioeconômica e idade. Ao serem questionados sobre a quantidade de meios transmissores das TMDICs em suas residências, o que fatalmente pressupõe o convívio dos sujeitos com as mesmas. O gráfico 01, fornece as informações sobre a quantidade de meios transmissores das TMDICs presentes nos lares dos alunos entrevistados:

Gráfico 01: Quantidade média de meios transmissores, por residência, dos alunos entrevistados / 2007.

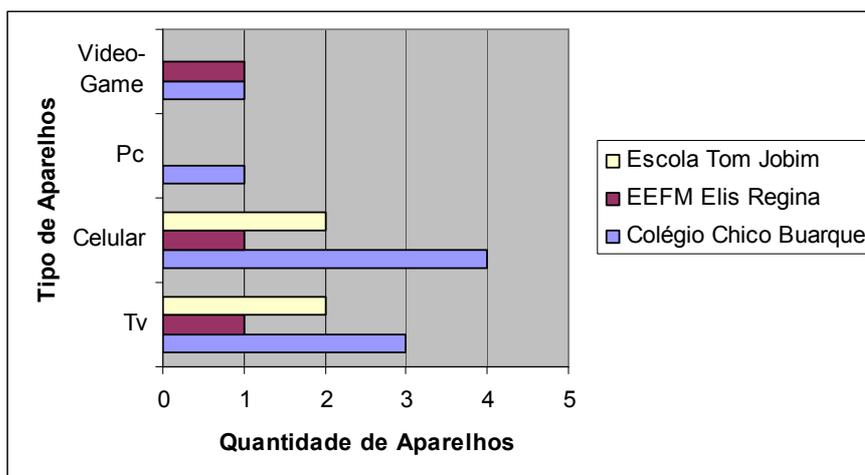


Fonte: Questionário aplicado a 75 alunos matriculados nas Escolas Chico Buarque, Elis Regina e Tom Jobim.

Existem configurações diferenciadas quanto aos artefatos transmissores utilizados por cada um dos grupos analisado. Os alunos entrevistados na escola “Chico Buarque”, localizada na região nobre da cidade de Sorocaba, possuem, em média, 01 computador e 01 vídeo-game por residência. O número de celulares chegam a 04 e o de TV alcança a marca de 03 aparelhos por residência. Já na escola “Elis Regina”,

localizada em Salto de Pirapora, município dormitório de trabalhadores sorocabanos, os alunos entrevistados possuem, em média, 01 aparelho celular, 01 aparelho televisor, 01 vídeo-game e nenhum computador. Sem vídeo-game, ou computadores, os alunos entrevistados da escola “Tom Jobim”, localizada em um bairro periférico de Sorocaba, possuem, em média, 02 aparelhos celulares e 02 aparelhos televisores por residência. Os artefatos transmissores das TMDICs, podem ser visualizados no gráfico 02:

Gráfico 02: Relação da quantidade média de aparelhos, por residência dos alunos entrevistados, relacionados por escola / 2007.

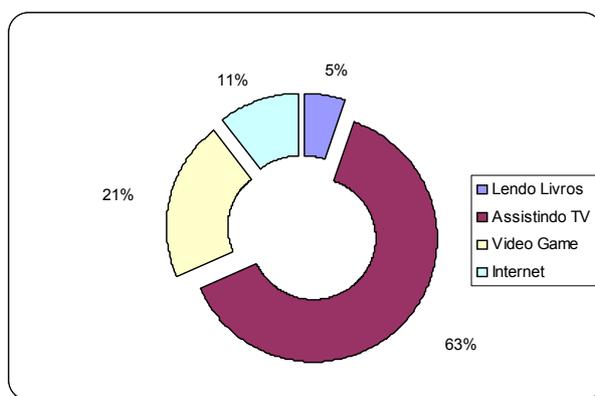


Fonte: Questionário aplicado a 75 alunos matriculados nas Escolas Chico Buarque, Elis Regina e Tom Jobim.

Dois tipos de artefatos transmissores das TMDICs estão presentes nas residências dos alunos entrevistados, nas 03 escolas: o celular e a televisão. Para a confirmação da hipótese inicialmente levantada, era necessário averiguar quanto tempo cada aluno se dedicava ao relacionamento com as TMDICs. Foi nas respostas, dos alunos entrevistados à questão: *Qual atividade você dedica a maior parte de seu tempo livre?* que a hipótese foi adquirindo consistência. O gráfico 03 chama a atenção para a

dedicação do tempo livre dos alunos:

Gráfico 03 : Média da dedicação do tempo livre dos Alunos entrevistados das 03 escolas / 2007.



Fonte: Questionário aplicado a 75 alunos matriculados nas Escolas Chico Buarque, Elis Regina e Tom Jobim/Sorocaba.

Diante dessas constatações originou-se a necessidade de verificar se os professores visualizam a disponibilização de seus alunos para as TMDICs. A primeira premissa era a de que, assim como os alunos, os professores entrevistados nasceram em um período onde a mídia já dominava os meios de comunicação, por exemplo a televisão, uma vez que a idade média dos mesmos era a de 40 anos. Desta forma, se relacionariam, assim como seus alunos, a maior parte do seu tempo com as TMDICs. Nas questões colocadas para o balizamento do grupo focal, os professores responderam para a pergunta, sobre qual era a principal fonte de informação com vistas ao exercício profissional, que: 68% utilizavam jornais e livros e os 32% restantes buscavam informações na Internet. Porém, ao serem indagados sobre quais as fontes, que eles “acreditavam” fornecer informações para os seus alunos a resposta foi unânime: na

utilização das TMDICs, momento no qual 50% dos professores afirmavam ser a TV e os outros 50% afirmavam ser pelo uso da Internet.

Na análise das conversas do Grupo Focal, algumas afirmações, como a de Mario, ao ser questionado por um colega do grupo se ele via as TMDICs inseridas no cotidiano escolar, enunciaram alguns sinalizadores para a questão que no momento está sendo investigada:

Mario: Eu não vejo, não. Eu vejo que já chama ferramenta por causa disso, ela é uma peça dentro de uma engrenagem, ela sozinha, isoladamente, e é o que a gente tem no Estado, as vezes tendo que trabalhar de uma maneira muito isolada. Tanto é que você tem que um mês, dois meses com antecedência tentar preparar [a aula no laboratório de informática], tem escola que tem né, computador, retro projetor, nootbook e tem a escola que só ouviu falar nos jornais aí, então, fica difícil você trabalhar. Aí mesmo porque quando você tem, é curioso essas ferramentas, boa parte dos professores, eu sei disso por causa da coordenação né, que a gente fala com a diretora né, a diretora deve saber [dirigindo-se a um participante do grupo], você tem uma dificuldade enorme com eles. Você seleciona acho que a cada dez profissionais, um ou outro que saiba, ele não sabe nem falar nootbook quanto mais usar, aí para o professor é difícil até você falar do retro projetor.

Ferramenta? Como as extensões humanas criadas por Prometeu? Talvez aí estivesse uma das chaves que me conduzisse à resposta buscada. Os professores não visualizavam as TMDICs como formadoras da sociedade contemporânea, mas como ferramenta de trabalho. O depoimento de Cássia consolida a constatação:

Cássia. Eu sou professora né? ?E no trabalho eu utilizo como ferramenta, nootbook, pendrive, vídeos, textos. É os meus alunos são alunos que chegam extremamente cansados, dependendo da turma que eu tenho se der dobradinha, ou não, eles falam “pó eu não to agüentando mais” então eu pego um vídeo e passo, pelo menos tento né? faze-los pensarem um pouco então quando eu peço uma reflexão sobre o vídeo eu quase choro por que tem que ficar ali: “nossa caramba”.

Após a inferência de alguns participantes, Cássia completa seu discurso tecnológico:

Cássia. Não assim, vários níveis, eu dou aula para o sétimo o oitavo que utilizam a sala, então eu utilizo a multimídia da universidade, utilizo o retro projetor, utilizo cd, eu tento diversificar com todas as ferramentas que eu tenho disponível na instituição, até com que a gente não consegue, por que se você chegar pro aluno e vai ficar só falando, falando, falando?

Márcio, que havia dado um indício sobre a forma com a qual os professores utilizam as TMDCs, passa a ser categórico:

Márcio: Mas quando você vai falar de ferramenta, o professor sabe. Ele usa a teoria do GLS, como dizem aí é o giz a lousa e a saliva. Isso ele domina e fora dessas situações ele tem que buscar alternativas, mas ele também tem que ter consciência de que não é isso que vai garantir esse conhecimento não, não é isso. É isso que a, é questionável isso.

Márcio questiona se, até mesmo, a utilização das TMDICs enquanto ferramenta tem funcionalidade, fato que indica que os professores, em sua prática docente, utilizam-se, na verdade, de instrumentos pedagógicos analógicos e resistem a aceitação das TMDICs em suas práticas docentes. Essa resistência é explicitada quando Aline, professora de informática, que libera “joguinhos” para seus alunos, é reprimida por Jane, uma outra participante do grupo: *Há! Você libera joguinhos hein?* No mesmo instante, Aline se desculpa por uma atividade que, em uma sociedade disciplinar seria digna de punição: *Mas só libero joguinhos educativos!*

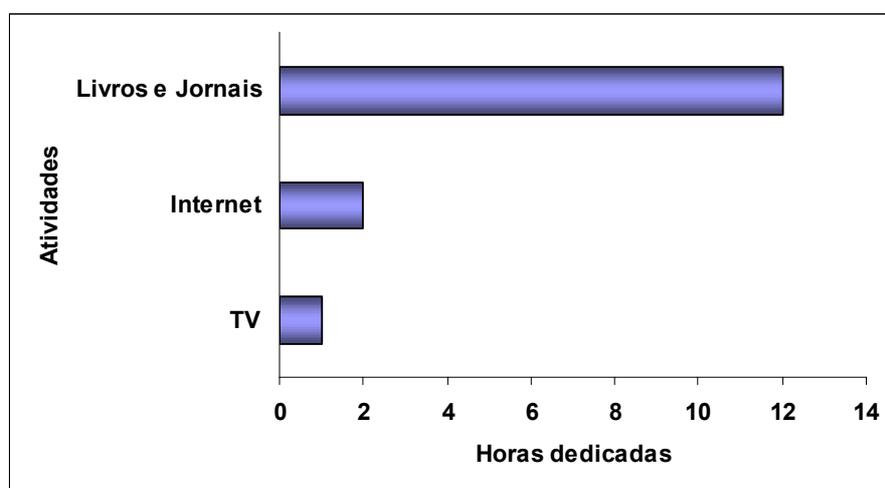
Com o objetivo de aprofundar a discussão sobre a utilização das TMDICs no cotidiano escolar e testar as conexões entre o mundo analógico e o mundo digital, exercendo meu papel de moderador, argüi Jane sobre o porquê da proibição dos “joguinhos” no laboratório de informática. Sua resposta foi contundente:

Jane: Eu acho que tudo que foi colocado aqui dentro coloca ênfase na necessidade, mais uma vez, da mediação do professor, então quer dizer, jogo, celular, como você colocou joguinho né? Isso tudo eles tem né? Você vê que tem um fluxo de informação enorme pela Internet né, pela televisão e eles tem isso

desordenadamente né? E pra colocar a questão do critério, agora o papel da escola, o papel do professor, eu considero necessária a mediação do professor ainda né? Então pra estabelecer um critério de seleção de conteúdo, se é que é possível fazer, se há um critério pra isso, seria necessária a mediação do professor né? Aí é [que] penso que na escola não seria adequado, estar no interior da parte pedagógica, no interior da escola aquilo que o aluno já tem acesso fora né?

Quanto à questão sobre a atividade para a qual dedicam a maior parte de seu tempo, diferentemente dos alunos, os professores responderam que para a leitura de livros. Poucos completaram que usavam a Internet ou assistiam a TV, mas acoplado à leitura de livros. Os detalhes desta informação são visualizados no gráfico 04:

Gráfico 04: Atividades de dedicação para as horas livres semanais dos professores entrevistados / 2007.

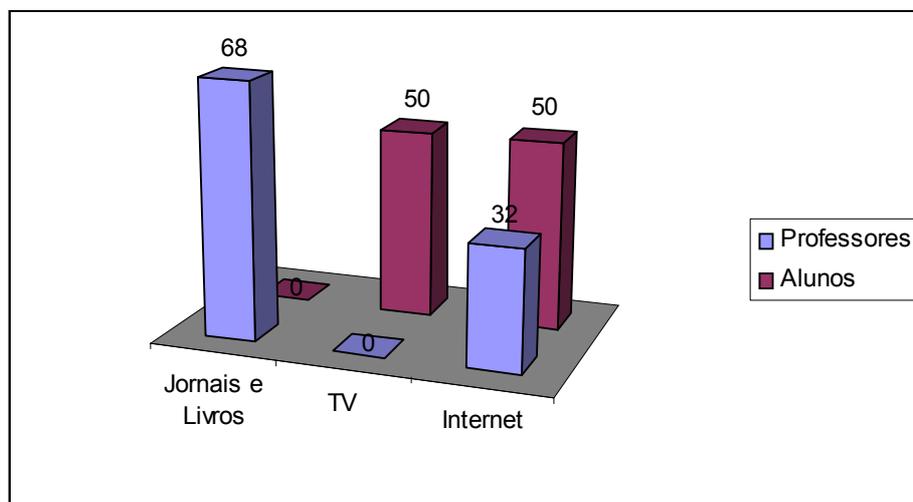


Fonte: Questionário aplicado a 12 professores, do Ensino Médio das Escolas Públicas, Sorocaba, participantes do Grupo Focal.

Nesse sentido dimensiono um novo indício: os professores convivem com as TMDICs, pois o contato dos indivíduos com as TMDICs, na sociedade, se faz a todo momento, sem mesmo nos darmos conta disso. Todos professores, entre outras circunstâncias, são registrados no Cadastro de Pessoas Físicas, pagam impostos,

disparam todo um sistema econômico complexo de controle, possuem contas em bancos, vão ao supermercado para realizarem compras pagas com cartões de crédito, passam por exames laboratoriais que utilizam a mais alta tecnologia. Enfim, pertencentes à contemporaneidade são obrigados a conviver e a interagir com as TMDICs. Porém, na escola, o “medo” e a resistência diante das TMDICs os fazem adotar práticas pedagógicas que não levam em consideração desde o sincretismo cultural à atual influência das TMDICs no cotidiano dos indivíduos. Com isso, sua vivência está em trânsito entre os saberes Prometeico e os saberes Fáusticos. O gráfico 05 compara as respostas de alunos e professores quando questionados sobre suas principais fontes de informações, consubstanciando o viver ainda transitório do professor entre Prometeu e Fausto, enquanto os alunos estão submergidos na sociedade Fáustica.

Gráfico 05: Principais fontes de informações dos alunos e dos professores de acordo com os professores e alunos entrevistados / 2007 (%).



Fonte: Questionário aplicado a 12 professores de Sorocaba, participantes do Grupo Focal e a 75 alunos das escolas Chico Buarque, Elis Regina e Tom Jobim.

Percebendo, então, a contemporaneidade como sincrética e evidenciando as TMDICs como mecanismos ativadores do referido sincretismo; visualizando uma disparidade entre o entendimento de alunos e professores sobre a influência e o relacionamento com as TMDICs, é possível amarrar os fios tecidos por esta pesquisa e juntar alguns indícios como apresento a seguir.

Juntando os indícios

Diante dos sinais fornecidos pelos professores e alunos e pelos indícios bibliográficos levantados, posso transformar minha hipótese em fato: apesar dos alunos e professores sofrerem a influência das TMDICs em seu cotidiano, as práticas docentes adotadas ainda estão pautadas em um saber de origem *Prometeica*, ou seja, sustentado em um modelo cartesiano. Por essa ótica, a escola enfrenta uma contradição entre sua forma e a sociedade tecnológica na qual esta está inserida, não só porque se fala nela, mas porque a própria experiência humana na contemporaneidade a acolhe.

A escola tem sua tradição pautada na responsabilidade pela transmissão de conteúdos e manutenção social através dos sujeitos que ela frequentam. Em consequência, se vê envolvida em cobranças da sociedade para que o seu tempo de ação esteja sincronizado com a atualidade, momento este marcado pela inserção das TMDICs nas atividades cotidianas. Um dos atores inseridos nessa polêmica é o professor que enfrenta como desafio desvincular-se das práticas pautadas em lógicas lineares e conduzir a educação formal de seus alunos de acordo com o espaço e o tempo em que estes vivem. Em outras palavras: os alunos hodiernos pensam digitalmente e têm como capacidade a imersão nos dados que são disponibilizados a eles, a todo instante no convívio social. É diante deste fato que se revela a tensão existente no interior da escola que trata os alunos como os sujeitos que devem *aprender a conhecer, aprender a ser, aprender a fazer e aprender a viver* de forma dócil, disciplinada e controlada, sem considerar que os alunos da contemporaneidade vivem para informações, para dados, para a imagem e, conseqüentemente, para a visibilidade.

No hibridismo Escola versus TMDICs, a primeira organizada para criar, tradicionalmente, corpos dóceis, e a segunda incorporando novos vetores temporais e espaciais na inquietação sintomática de uma nova cultura, os alunos podem ser considerados como Cabeças Digitais. Ao mesmo tempo, às TMDICs não podem ser atribuídas características de ferramentas extensivas pois, na escola, na sua condição de transmissora de conteúdos, elas podem possuir o mesmo significado do giz, da lousa ou da fala. Neste cenário, sem a internalização das TMDICs pelos professores em suas

práticas pedagógicas, internalização inexistente como a pesquisa empírica indicou, a dicotomia presente no cotidiano escolar, entre as formas de ensino disponibilizados pela escola e o processo de aprendizagem das Cabeças Digitais, não existirá convergência.

Diante da perspectiva de análise, produzida e desenvolvida para esta investigação, um aspecto atravessou de modo disseminado todos seus instantes: a condição atual renova desafios para o pensamento, renovando ao mesmo tempo os temores e os discursos saudosistas na escola, empenhada em recuperar a estabilidade e as confiabilidades associadas, pelo menos do ponto de vista das narrativas dos professores, a um cenário anterior. Entretanto, sinalizando de modo enfático, que está em curso a emergência de um novo sujeito, de um novo lugar, de novas demandas, ainda que de natureza difusa, incorpórea e sem contornos bem definidos, os alunos hodiernos, dilatam, exigem e incitam a incorporação, na escola, da cultura implicada nas TMDICs. Entendo ser esta a questão contemporânea, a da inscrição rizomática de uma inteligência coletiva nos aparelhos, trazendo como contrapartida o redimensionamento das atitudes e dos saberes por parte dos membros da escola, com especificidade a dos professores, como sua própria condição existencial.

Referências

BAUMAN, Z. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

GATTI, B. A. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livros, 2005.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

IANNI, O. **O príncipe eletrônico**. In: **Primeira Versão**. Campinas, p. 1-30, novembro de 1998.

POWELL, R. A. SINGLE, H. M. **Focus Groups**. International Journal of quality in Health Care, 1996, v.8m n.5, p, 449-504.

SANTAELLA, L. **Navegar no Ciberespaço: O perfil cognitivo do Leitor Imersivo.** São Paulo: Paulus, 2004.

_____, **Culturas e Artes no Pós-Humano.** São Paulo: Paulus, 2005.

_____, **Por que as mídias e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

_____, **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Editora Paulus, 2007.

SIBILIA, P. **O Homem Pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Informes Estatísticos

_____ **Estatísticas Históricas do Brasil**, volume 3 - Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

_____ **Anuário Estatístico do Brasil/IBGE** - Rio de Janeiro, volume 56, 1996.

_____ **Contagem da População 1996**, Rio de Janeiro:IBGE,volume 1, 1997.